

EXOTIZAÇÃO DO CORPO NEGRO, FEMININO E BRASILEIRO NO CONTO “ALEMÃES VÃO À GUERRA” DE MARCELINO FREIRE

Thaynã Emanoela Guedes Carneiro

Pós-graduanda do Curso de Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa da Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI, thayguedesc@gmail.com

José Paulo Alexandre de Barros Júnior

Pós-graduando do Curso de Gênero e Sexualidade da Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI, josepauloj08@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os personagens do conto “Alemães vão à guerra” do livro Contos Negreiros (2006) do autor Marcelino Freire, por intermédio teórico da representação do corpo da mulher negra em contexto de terceiro mundo pelo olhar colonial. Buscamos para este estudo uma abordagem discursiva alicerçada nas questões epistemológicas teóricas da subalternidade e agência, estudos feministas de gênero e raça, bem como perspectivas pós-coloniais de maneira a observar as intenções em que se sustentam essas representações. Portanto, trabalharemos com os aspectos de autores como Bonnici (2000, 2007, 2009), Bhabha (1991, 1994), Spivak (1987, 2010), entre outros. A partir das investigações empreendidas, compreendeu-se que a mulher negra oriunda do sul global foi construída em cima de uma cosmovisão de objetificação sexual, que nutre a manutenção e conservação da dominação patriarcal. Além disso, a análise contribuiu para a desconstrução de estereótipos e enunciados racistas que se conservam presentes no imaginário.

Palavras-chave: Corpo negro feminino. Sexualização. Estudos pós-coloniais.

Introdução

A maneira como a sociedade foi ditada no momento da colonização fez com que se perpetuassem modelos de relações sociais pautadas em noções de superioridade/inferioridade. O discurso colonial como método de organização política, econômica, religiosa e social se baseia na intenção autoritária, racista e patriarcal. Todos os que se encontravam no outro lado do projeto imperialista, vivenciaram os silenciamentos impostos pelos mecanismos feitos para fabricar e hierarquizar diferenças. Por esse motivo, a mulher sempre ocupou lugares de opressões e falta de voz. A mulher negra, por seu turno, sofreu e sofre a experiência da opressão carregando a discriminação racial, sendo caracterizada, historicamente, através de discursos que a coisificam e menosprezam sua feminilidade e humanidade.

Essa conjuntura nos explica o quanto a mulher negra tem sido construída e representada com base em estereótipos e concepções que reduzem seu ego, principalmente nas produções culturais. Os debates provenientes dos estudos pós-coloniais e os estudos feministas apresentam um redirecionamento cultural, social e político, capaz de motivar a forma com que as mulheres negras de terceiro mundo podem/devem ser vistas. É com base nessas orientações que o discurso colonial, racista e patriarcal produzido por aqueles que fizeram parte desse projeto a fim de solidificar a imagem do outro como diferente pode ser contestado e relido (BONNICI, 2000).

Em vista disso, utilizando-se das discussões teóricas de alguns autores como Bonnici (2000, 2007, 2009), Bhabha (1991, 1994), Spivak (1987, 2010), entre outros, o presente artigo tem como principal objetivo analisar a exotização do corpo da mulher negra terceiro mundista a partir do conto “*Alemães vão à guerra*” do autor Marcelino Freire, destacando as formas pelo qual o discurso colonial molda sua condição de objeto na sociedade através de práticas de inferiorização, silenciamento e invisibilidade. Além disso, destacamos a importância do trabalho de Marcelino Freire que narra suas histórias baseadas na opressão do discurso colonial e denuncia temas que constituem a subalternização desses indivíduos, mostrando que a literatura pós-colonial pode nos incitar a (re)pensarmos a realidade que nos circunda.

Metodologia

O presente artigo é de natureza qualitativa e possui caráter bibliográfico, onde visa analisar as formas representacionais diminuidoras da mulher negra terceiro mundista exercidas pelo discurso dominante presente no conto *Alemães vão à guerra* da obra *Contos Negreiros* (2005) de Marcelino Freire. Baseia-se nos pressupostos teóricos de alguns autores como Bonnici (2000, 2007, 2009), Bhabha (1991, 1994), Spivak (1987, 2010), entre outros, para melhor explicar essas condições.

Referencial teórico

Há algumas décadas os estudos pós-coloniais surgiram em decorrência da necessidade de investigar os efeitos da colonização nas nações que perderam suas identidades e etnias em consequência do período de pós-guerra e descolonização do continente africano e asiático. As produções literárias oriundas dessas nações são analisadas por esses estudos a fim de indicar o controle ideológico, político, econômico e social que envolve as sociedades que foram colonizadas mostrando assim, os resquícios das “ideias da superioridade europeias e da missão civilizatória do império.” (ZOLIN, 2012, p. 53).

Os membros dessa associação – colonizador, colonizado, homem, mulher – estão sujeitos a ocupar posições pré-estabelecidas, onde o oprimido ocupa a posição de inferioridade. Diante disso, percebemos que a condição de ex-colonizado, a condição feminina e a condição racial andam de maneira intrínseca. Para Fanon (2005), o domínio colonial fez com que a existência cultural do povo subjulgado fosse desarticulada de maneira total e simplificadora, portanto, a invisibilidade, a subalternidade, o silenciamento e a exotização relegadas a mulher negra se determinaram como um efeito colateral desse domínio.

Dentre as mais variadas formas de opressão em que a mulher negra terceiro mundista está inserida, podemos citar a outremização colonial, a dicotomia sujeito-objeto, a posição centro/margem e a falta de voz decorrente desses sistemas. De acordo com Ashcroft et al. (1998), a outremização é um processo onde o discurso imperial fabrica o outro. Há também o sistema binarista de oposições, onde o

objetivo é posicionar-se de forma superior a colônia. Bhabha (1991) nos explica que o ‘Outro’ – colonizador – se situa no centro como Sujeito e relega o ‘outro’ – o colonizado – à margem como objeto. Dessa forma, a mulher foi colonizada duplamente, visto que os discursos colonialistas eram “impregnados pelo patriarcalismo e pela exclusividade sexista”. (BONNICI (2005, P. 263)

O sentimento das mulheres negras de Terceiro Mundo, na maioria dos casos, é de não alcançarem os meios de libertação e descolonização. Semelhante sentimento é vivenciado pela mulher brasileira negra que mora na favela, que é comercializada como um produto feito especialmente para a luxúria masculina, que são obrigadas a se prostituir e trabalhar em subempregos, que são discriminadas diariamente e condicionadas a não ter acesso a uma educação de qualidade e ao básico da saúde. Logo, nas palavras de Maria Rita Kehl (2003, p. 243) “nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao Outro; o corpo é formatado pela linguagem”.

Os estudos pós-coloniais têm sido efetivos para construir a autonomia da mulher negra na sociedade, juntamente com os estudos feministas. A respeito disso, Deepika Bahri (2013, p. 662) assinala que “a teoria feminista e a teoria pós-colonial se ocupam de temas semelhantes de representação, voz, marginalidade e da relação entre política e literatura”. Por isso, narrativas imbricadas nesses discursos são capazes de contestar o lugar de subalternidade em que a mulher negra terceiro mundista foi colocada e fazer com que, segundo Spivak (2010), ela seja sim, lida e ouvida.

A representação dessas alteridades executadas pela cultura patriarcal, colonial e racista no que tange a vivência da mulher negra de terceiro mundo é claramente observada nos contos de Marcelino Freire. No caso do conto escolhido para o corpus da pesquisa, ele explicita as experiências do corpo negro coisificado e hipersexualizado na ótica dos brancos estrangeiros que as tratam como um objeto, até mesmo desrespeitado por acreditarem que exercem um poder sobre elas. Nesse sentido, a escrita de Marcelino Freire se mostra importante por denunciar tais representações, desconstruindo ideologias até então, construídas pela cultura dominante (ZOLIN, 2009).

Resultados e discussão

O conto *Alemães vão à guerra*, mostra uma conversa entre um estrangeiro e seu amigo Johann, o convencendo a procurar mulheres negras no Brasil. Os personagens alemães obcecados pelos corpos negros das mulheres acabam por representar uma cosmovisão da mulher negra como um objeto. Para uma melhor proximidade com a realidade, o autor introduz na escrita um português cheio de erros, fazendo com que as características do personagem se aproximem da visão que temos de um estrangeiro: “Alô, Johann. [...] Prreparra a mala, Johann. [...] Barratas como as negras de Burrunti. [...] Como as negras do Nepal, tem. [...] A gente acaba dando educação a esse povo, Johann. E um pouco de esperrança. [...] O que serria dela sem mim, Johann, me diz. [...] Têm, sim, e estão nos esperrando. [...] O que não falta neste mundo, Johann, é amorr.” (FREIRE, 2005, p. 37-38).

O conto se inicia com o estrangeiro convidando seu amigo Johann aos possíveis países que possuem turismo sexual: “Prreparra a mala, Johann. Deixa a mala prronta. Alô, Johann. Johann. Como as negras do Nepal, tem. Das Ilhas Virrgens também. É só irr. Feito as mocinhas da Guiana. Da prraia do Pina [...] À vista o Redentorr. O marr de Copacabana. [...] Pensa Johann. Salvadorr, Salvadorr.” (FREIRE, 2005, p. 37-38). Os países supracitados - Brasil, Guiana, Nepal – são estereotipados pelos estrangeiros e vistos com olhares depreciativos como sendo cenários de exploração sexual e que o turismo sexual nessas localidades são algo comum: “É só vestirr o calçõao e a filmadora. Darr uma piscadela boa.” (p. 37).

A visão de países de Terceiro Mundo foi construída pelo ‘Outro’ com o objetivo de mostrar “o colonizado como população de tipo regenerado” (BHABHA, 1994, p. 184), e com isso, a visão da mulher de Terceiro Mundo também foi afetada sendo retratada como “repositório de uma sexualidade livre [...] como fantasia/tentação do desejo masculino” (ADELMAN, 2004, p. 33). Isso demonstra a noção do discurso colonial dito pelo estrangeiro de que as mulheres negras desses países não foram domesticadas pelo controle dominante e, portanto, são vistas como meros objetos de prazer.

É possível notar heranças coloniais nos trechos: “Nosso dinheiro salvaria, porr exemplo, as negrrinhas do Haiti. Barratas como as negras de Burrunti.” (p. 38). A fala do estrangeiro adota a estrutura do

discurso hegemônico de poder que tentava justificar suas práticas de dominação contra os povos colonizados. Ele cita a oportunidade oferecida a uma mulher negra vinda do Brasil: “Trouxe uma parra aqui, lembrra? Faz tempo que trouxe uma parra aqui. [...] Hoje, ela ganha ensinando o povarréu de Berlim. Em Mönchengladbach, dança. Ganha a sorrte no samba.” (p. 37). Percebe-se a tentativa de justificar os atos de exploração sexual de mulheres negras mostrando os benefícios de seu dinheiro em suas vidas, visto que elas são encaradas como pessoas “sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia [...]” (BONNICI, 2009, p. 265): “A gente acaba dando educação a esse povo, Johann. E um pouco de esperrança. E herrança, Johann, como aquela que nosso amigo deixou para as crianças.” (p. 38). O personagem estrangeiro acaba por se firmar como Sujeito quando se impõe como o “poderoso, civilizado, culto, forte [...]” (BONNICI, 2005, p. 230): “O que seria dela sem mim, Johann, me diz” (p. 38), capaz de oferecer um auxílio a essas mulheres “vítimas da [...] falta de ‘civilização’” (ADELMAN, 2004, p. 33) pelo prazer do poder que isso atribui a sua posição dominante.

Decorrente do desejo nas mulheres negras expresso pelo personagem, ele mostra rejeição: “Eu é que não quis mais aquela infeliz.” (p. 38). Os corpos das mulheres negras do período colonial eram invadidos a fim de servir para procriação sendo, alega Whitlock (1992), os ventres do império, diante disso, resquícios da colonização permanecem quando o estrangeiro após explorar o corpo da mulher negra sexualmente, a descarta logo em seguida: “Pulei fora, como os pobrrres de Cuba. Abandonei o barrco. Nada mais de jet ski.” (p. 38). É notável a outremização nos olhares e tratamentos de exploração, invasão, rejeição e inferiorização conferidos a essas mulheres, retomando a noção da “dialética do Sujeito e do Outro, do dominador e do subalterno” (BONNICI, 2009, p. 14). Diante desse quadro, é possível entender como a visão do corpo da mulher negra de terceiro mundo como algo descartável e sem importância perpetua no imaginário dos personagens: “Você ri, Johann, você ri?” (p. 38).

Por fim, instigado pelo desejo sexual em mulheres negras o personagem é estimulado a ir a qualquer parte do mundo para saciá-lo: “Em todo canto tem. Júpiterr. Marrte. No burraco negrrro, em toda parrrte. Ainda bem. O mundo é dos negros. [...] Nem sei se tem negrras na Conchinchina. [...] Alô, Johann. Se tiverr, eu vou.” (p. 38). Os trechos ligam a identidade da mulher negra dos países supracitados “ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa” (BADINTER, 1993, p. 99). A

exploração sexual das mulheres negras é retratada pelos estrangeiros do conto com normalidade, como práticas corriqueiras: “Têm, sim, e estão nos esperrando.” (p. 38). O personagem continua a instigar seu amigo Johann a ir: “Vamos? O que não podemos é ficarr neste clima. Orra, é só passarr protetorr. É só irr, Johann. Alô, Johann. Johann, ir.” (p. 38) e o mesmo fala com sarcasmo: “O que não falta neste mundo, Johann, é amorr” (p. 38). A aceitação cultural dessas representações, diz muito sobre o modo como negra é encarada, afirma Hooks (1995). As mulheres negras retratadas no conto são reduzidas ao silenciamento devido ao seu gênero e cor, “não é ouvida, em sua voz não há autoridade, mas submissão” (BONNICI, 2000, p.14).

Nos trechos analisados do conto *Alemães vão à guerra* fica evidente o tratamento estereotipado e exploratório que a mulher negra recebe. Ao incitar sua busca aos países demarcados com o turismo sexual, os personagens acabam indo à guerra cujo seus alvos são essas mulheres. A colonização pelo discurso colonial, patriarcal e racista no conto mostra que é o “colono que fez e continua a fazer o colonizado” (FANON, 2005, p. 26).

Considerações finais

Assim como a questão de gênero, a cor também é um fator determinante de valores e posições sociais nas sociedades que foram colonizadas. Os conceitos de poder que rodeiam questões de gênero e cor foram cultivados pela cultura da colonização e que podemos ver arraigada no pensamento dos indivíduos, colonizados ou não. Por intermédio da análise pudemos mergulhar no tema do turismo sexual, onde as mulheres negras do conto *Alemães vão guerra* não puderam obter uma voz e se firmarem como sujeito, pelo contrário, ficaram relegadas ao silêncio e as opressões que o discurso colonial utiliza para subjulgá-las.

O olhar do “estrangeiro” ultrapassa a fronteira e instaura-se nas diferenças entre as classes sociais no Brasil. Os estereótipos obtidos com colonialismo acabam perpetuando durante longas épocas porque estão intrínsecos no imaginário coletivo. É necessário, pois, refletir acerca dessa realidade. Desse modo é que as literaturas pós-coloniais buscam desconstruir e denunciar atos de subalternidade, invisibilidade, exotização, assim como Marcelino Freire, que “criam obras literárias que resistiram aos valores historicamente construídos

pelos colonizadores e fornecem uma visão diferente e alternativa do mundo” (BONNICI, 2005, p. 11).

Referências

ADELMAN, Miriam. **Feminismo, pós-colonialismo e novas narrativas sociológicas**. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st22-3/4070-madelman-feminismo/file>>. Acesso em: 12/04/2021.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **Keyconcept in post-colonial studies**. London: Routledge, 1998.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BHABHA, Homi. **A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. de (org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 177-203.

_____, Homi. **The Location of Culture**. London : Routledge, 1994.

BONNICI, Thomas. **O Pós-colonialismo e a literatura**. Maringá: Eduem, 2000.

_____, Thomas (Org.). **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.

_____, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

_____, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

DEEPIKA, Bahri. **“Feminismo e/no pós-colonialismo”** In: Revista Estudos Feministas. V. 21, nº 2, (2013). Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200018>. Acesso em 25/03/2021.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras. Estudos feministas**. Rio de Janeiro. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n. 2. p-464-469, 1995.

KEHL, Maria Rita. As Máquinas Falantes. In: NOVAES, A. (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 243-259.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____, Gayatri Chakravorty. **In other words: Essays in Cultural Politics**. London, Methuen, 1987.

ZOLIN, L. O. **Crítica Feminista**. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.

_____, Lúcia Osana. **Pós-Colonialismo, Feminismo e Construção de Identidades na Ficção Brasileira Contemporânea Escrita por Mulheres**. In.: Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.21, p. 51-70, 2012.

WHITLOCK, Gillian. **Outlaws of the Text: Women's Bodies and the Organisation of Gender in Imperial Space**. Paper presented at the Australia/Canada: Postcolonialism and women's texts research seminar, Calgary Institute for the Humanities, February, 1992.